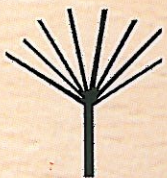




Nascido em Tete em 1947, o autor é docente da Universidade Eduardo Mondlane desde 1978, investigador do Centro de Estudos Africanos, professor de Metodologia de Investigação e autor de vários livros de história e sociologia. São cinco as suas áreas fundamentais de pesquisa: relações políticas, crenças colectivas, processos identitários, exclusão social e epistemologia das ciências.



Imprensa  
Universitária

Como é que lidamos com um mundo em rápida mudança que aparentemente só piora as nossas vidas? Frequentemente culpamos o "outro" ou o "estrangeiro". Carlos Serra e a sua equipa produziram um estudo extraordinário deste fenómeno na província de Nampula, onde pessoas pobres responderam violentamente na base de uma forte crença de que ricos e poderosos de fora estariam a contaminar a água com cólera numa tentativa de as matar. A resposta traduziu-se em violência contra os estranhos à terra e seus aliados na comunidade e resistência passiva contra as instituições do Estado.

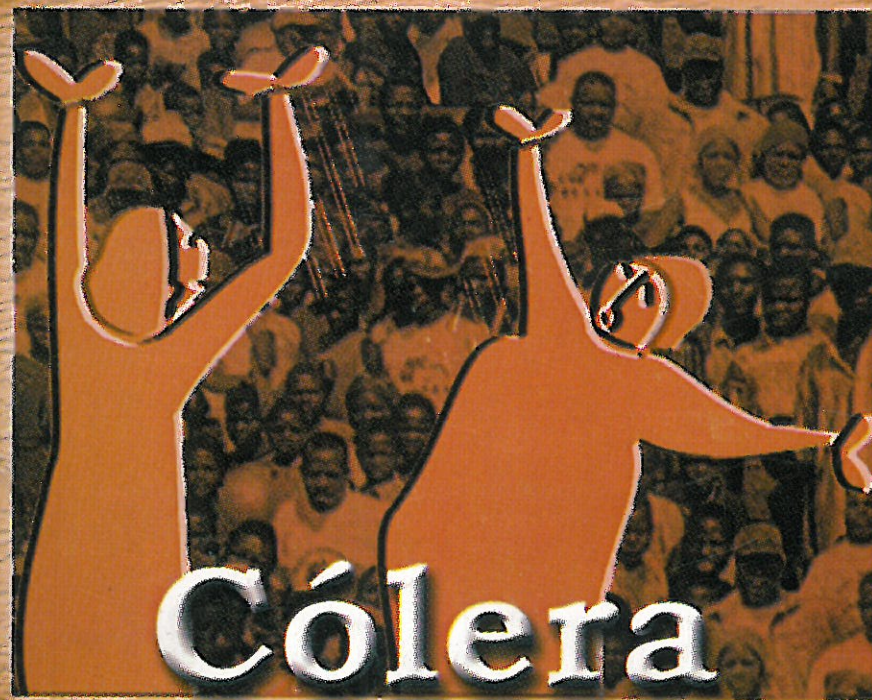
A reacção a essa violência contemplou também a atribuição de culpas - a Frelimo culpou a Renamo pela campanha de desinformação e os poderosos culparam os pobres pela sua ignorância. Um dos achados chave deste estudo é que a resposta das pessoas à cólera, apesar de errada, foi racional e lógica e não produto de desinformação.

Este estudo é particularmente bem sucedido pela subtileza no seu conhecimento de como as objecções ao uso do cloro podem ser cientificamente infundadas, mas reflectindo conhecimento político-social bem fundamentado. Em particular, este estudo descobre que a campanha contra a aplicação de cloro na água não foi contra o Estado ou contra a modernização. Foi um protesto contra um Estado que se tinha distanciado do povo e apenas aparecia nas vésperas das eleições e que crescentemente deixou de providenciar serviços e um melhor nível de vida. Não foi um protesto contra a modernização, mas contra a inexistência dos frutos da modernidade.

(Do prefácio de Joseph Hanlon)

Pesquisa e obra financiadas pela **SNV**  
(Organização Holandesa de Desenvolvimento)

Carlos Serra



# Cólera e catarse

Cólera e catarse

Carlos Serra

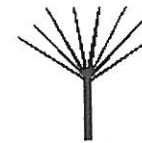
Prefácio de Joseph Hanlon

**Carlos Serra**

# **Cólera e catarse**

**Infra-estruturas sociais de um mito nas zonas costeiras  
de Nampula  
(1998/2002)**

**Prefácio de Joseph Hanlon**



**Imprensa Universitária  
Universidade Eduardo Mondlane  
Maputo, 2003**

# Índice

PREFÁCIO	1
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	6
EXTRACTOS DE DEPOIMENTOS	8
1. PROBLEMA E OBJECTIVOS	9
2. MODELO DE ANÁLISE	10
2.1. PERGUNTAS DE PARTIDA	10
2.2. HIPÓTESE	11
2.3. PROBLEMÁTICA	11
2.3.1. RUPTURA	11
2.3.1.1. COM A VERSÃO OFICIAL	12
2.3.1.2. COM AS TESES CULTURALISTA, PARTIDÁRIA, MISERABILISTA- OBSCURANTISTA, DO TORPOR E ANDROCÊNTRICA	13
2.3.2. CONSTRUÇÃO	18
2.3.2.1. CONCEITO DE CRISE	18
2.3.2.2. ECLIPSE DO SOCIAL E BUSCA DE BODES EXPIATÓRIOS	20
2.3.2.3. EFEITO <i>MACHAULT</i>	21
2.3.2.4. DUPLO CONSTRANGIMENTO	22
3. TÉCNICAS E OBJECTIVOS	22
4. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	24
4.1. PERÍODO PRÉ-1998	24
4.2. 1998: O INÍCIO DO <i>MAELSTRÖM</i>	25
4.3. SITUAÇÃO ENTRE 1999 E AGOSTO DE 2002	30
4.3.1. DADOS GERAIS DE ARQUIVO	31
4.3.2. DADOS DA PESQUISA DE TERRENO	38
4.3.3. ASPIRAÇÕES POPULARES	68
4.3.4. PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO EP2	69
5. CONCLUSÕES	83
6. TABELAS	98

**Título:** Cólera e catarse  
**Autor:** Carlos Serra  
**Editor:** Imprensa Universitária, UEM, Maputo, Moçambique  
**Maquetização e  
impressão:** Imprensa Universitária  
**Capa:** Sérgio Tique  
**Nº de registo:** 4106/RLINLD/2003  
**Tiragem:** 1000 exemplares  
**Data de publicação:** Outubro de 2003

## Prefácio

Como é que lidamos com um mundo em rápida mudança que aparentemente só piora as nossas vidas? Frequentemente culpamos o “outro” ou o “estrangeiro”. Carlos Serra e a sua equipa produziram um estudo extraordinário deste fenómeno na província de Nampula, onde pessoas pobres responderam violentamente na base de uma forte crença de que ricos e poderosos de fora estariam a contaminar a água com cólera numa tentativa de as matar. A resposta traduziu-se em violência contra os estranhos à terra e seus aliados na comunidade e resistência passiva contra as instituições do Estado.

A reacção a essa violência contemplou também a atribuição de culpas – a Frelimo culpou a Renamo pela campanha de desinformação e os poderosos culparam os pobres pela sua ignorância. Um dos achados chave deste estudo é que a resposta das pessoas à cólera, apesar de errada, foi racional e lógica e não produto de desinformação.

Os leitores deste livro “saberão” que cloro na água ajuda a prevenir o alastrar da cólera e assim “saberão” que a população local estava errada ao acreditar que a aplicação do cloro era a causa da cólera. Porém, alguma modéstia é aqui pedida ao leitor. Quão diferente é o debate da cólera em Nampula do debate do HIV/SIDA na África do Sul, onde o próprio presidente, um dos mais respeitados líderes mundiais, questionou a sabedoria e o entendimento de alguns dos mais eminentes cientistas mundiais? Ou considere o leitor o mundo de economias em desenvolvimento, onde escritores tal como eu acusam o FMI e o Banco Mundial de serem falsos padres apenas representando os interesses dos ricos, enquanto eles, por seu turno, me acusam e a colegas meus de ignorância e analfabetismo económico.

Este estudo é particularmente bem sucedido pela subtileza no seu conhecimento de como as objeções ao uso do cloro podem ser cientificamente infundadas, mas reflectindo conhecimento político-social bem fundamentado. Em particular, este estudo descobre que a campanha contra a aplicação de cloro na água não foi contra o

Estado ou contra a modernização. Foi um protesto contra um Estado que se tinha distanciado do povo e apenas aparecia nas vésperas das eleições e que crescentemente deixou de providenciar serviços e um melhor nível de vida. Não foi um protesto contra a modernização, mas contra a inexistência dos frutos da modernidade.

O trabalho realça que o protesto foi frequentemente liderado pela juventude desempregada e sem futuro e cujas acções tiveram o apoio tácito dos mais velhos. Tornou-se um protesto contra figuras de autoridade – régulos, oficiais do governo e trabalhadores das ONG's, que eram vistos como distantes, arrogantes e, mais decisivo ainda, sem soluções. As motas vermelhas dos extensionistas da SNV, guiadas perigosamente e a alta velocidade através das vilas<sup>1</sup>, tornaram-se um forte símbolo de arrogância e distância. Serra e a sua equipa concluem que os protestos contra o cloro na água revelaram “uma profunda intranquilidade e uma falta de confiança no Estado”.

Este estudo é importante porque escutando a população local sobre o que realmente pensa, demonstra em detalhe o clima de falta de confiança e carência. Os símbolos de carência transparecem repetidamente nas entrevistas. Uma série de fenómenos naturais – doenças inexplicáveis em pessoas e plantações, seca e uma pesca escassa – une-se a símbolos de poder maligno vindos de fora: desemprego e fábricas fechadas, motocicletas e carros de ONG's em geral e os subornos exigidos por pessoal da saúde. A resistência passiva e violenta à aplicação de cloro em abastecimentos de água locais necessita de ser vista como uma tentativa desesperada da população local para reganhar algum poder; como o exercício de um grupo carenciado finalmente tomando uma posição para defender as próprias vidas.

Pessoas entrevistadas neste estudo levantaram questões fundamentais acerca das acções dos que eram um pouco mais ricos e poderosos. Se um enfermeiro ou um funcionário num posto de

<sup>1</sup> O estudo mostra, porém, que o trabalho da SNV é aparentemente respeitado pelo menos nas áreas onde desenvolve as Comissões de Desenvolvimento Local (veja o texto de Serra). Ressalte-se que a organização teve a coragem de encomendar esse estudo e de suportar a publicação.

saúde exigem normalmente um suborno para providenciar um tratamento devido, porque se deveria confiar neles ao dizerem que estão a fornecer cloro de graça? Se uma ONG auxilia apenas alguns grupos selectivos, por que se deveria subitamente confiar nela para ajudar populações empobrecidas em áreas chave de saúde? Se acções do governo apenas levaram a uma pobreza em crescimento e perda de empregos, por que confiar nele agora? E se chefes locais e secretários de partidos têm usado as suas ligações com o exterior para recolher impostos e aumentar o seu próprio poder, por que se deveria confiar neles para ajudar agora?

Esta desconfiança bem assente é demonstrada mais claramente pela resposta à epidemiologia. Oficiais da saúde conduziram reuniões com elites locais para dizer que era provável que a cólera se espalhasse na área e isto foi apoiado por programas de rádio e outra publicidade. Pessoas locais perguntaram: Como é que estas pessoas na cidade sabem que a cólera está para vir? Claro, só pode ser porque eles a trarão. Elas dirão que não, mas são as mesmas pessoas que nos disseram que votar pela Frelimo nos traria um futuro melhor e que os camponeses seriam ajudados com o fecho da fábrica local de processamento de castanha de caju.

As ONG's, pessoal de saúde e chefes locais foram sinceros nas suas tentativas para controlar a cólera, mas as populações locais estavam também certas ao quererem saber quem estava por trás dessas pessoas e por que é que a sua “ajuda” seria benéfica agora quando o não o tinha sido no passado. A sua maneira, as populações locais provaram ser mais sofisticadas do que muito pessoal do governo e trabalhadores da ajuda, porque elas contextualizam os temas – perguntam quem está por trás e quem irá ganhar. Elas demonstraram uma compreensão de que os interesses dos ricos e dos pobres são diferentes e as suas afirmações de desconfiança de que os ricos estariam a “ajudar” os pobres são bem fundamentadas. São afirmações de estarem simplesmente a criar uma cobertura para um nova forma de exploração?

Do pessoal do Banco Mundial e dos ministros em Maputo com as suas finas casas e Volvos com motoristas, até ao pessoal de ONG's locais e trabalhadores de extensão agrícola, a maioria dos envolvidos em “desenvolvimento” acredita sinceramente naquilo

que está a fazer para ajudar os pobres, acredita sinceramente que a sua tarefa é de convencer os pobres a agirem de modo diferente e acredita sinceramente que deve ser bem recompensada por dedicar as suas vidas a ajudar aqueles que considera ignorantes e retrógrados. Mas no terreno, os pobres vêem que as únicas pessoas que parecem ganhar são aquelas que vêm para “ajudar”. Os pobres têm toda a razão para questionar se os padres sinceros, os trabalhadores de saúde e o pessoal das ONG’s enviado para áreas rurais não serão somente uma tentativa para, através da confiança, explorar melhor os pobres. E estes têm toda a razão para desconfiar dos líderes locais, que se aliam aos novos exploradores estrangeiros. Os pobres têm a percepção de uma cadeia que remonta à era colonial de pessoas que vieram “civilizá-las”.

Este estudo também aponta para uma contradição fundamental. Como é que “nós”, os ricos e poderosos que lemos e escrevemos livros, “os” convencemos, aos pobres e fracos, de que pelo menos desta vez estamos realmente a tentar ajudá-“los”. Esta questão é partilhada tanto por aqueles que realmente querem ajudar refreando a cólera e aqueles que simplesmente querem encontrar novas maneiras para explorar os pobres. É a questão da indústria da publicidade – usamos as mesmas técnicas para explicar às pessoas como viver uma vida mais saudável tal como também usamos para lhes vender produtos dos quais não necessitam?

É justo perguntar se alguém beneficiou da confusão acerca da cólera. A Frelimo acusou a Renamo de uma campanha de desinformação, no entanto o estudo não encontrou nenhuma evidência nesse sentido. A Renamo poderá ter obtido algum capital político de curto prazo, sublinhando as fraquezas do serviço de saúde do governo na província de Nampula. Mas a Renamo não podia oferecer a única coisa que poderia fazer a diferença – autoridade local. Como a Frelimo, permanece altamente centralizada e é incapaz de oferecer outro modelo de desenvolvimento ou de distribuição de poder. Na sua campanha eleitoral de 1999 a Frelimo prometeu dar às pessoas um futuro melhor; a Renamo afirma que ela fracassa nisso. Porém, nenhum partido está a oferecer aos pobres o poder de eles próprios construírem o seu melhor futuro. Talvez não o possam; a comunidade internacional está igualmente relutante em permitir a Moçambique o poder de construir um futuro melhor.

Há quarenta anos, a Frelimo demonstrou que as pessoas podiam ser mobilizadas à volta de uma promessa que daria poder para melhorar as suas próprias vidas. Este estudo mostra que hoje em Nampula, “o poder do povo” não está morto, mas não é construtivo. Num mundo cada vez mais globalizado com riqueza e poder concentrados nas mãos de um grupo reduzido, a maior parte dele, porém, tem cada vez menos poder enquanto se tornam mais frequentes tentativas desesperadas para reganhar pelo menos uma pequena porção de poder local. Como em Nampula, essas tentativas são avisos de que a desconfiança fundamental demonstrada pelos protestos da cólera apontam para violência espontânea do mesmo tipo em outras áreas.

Joseph Hanlon

## Considerações preliminares

Pessoas caladas não fazem história: sofrem-na. Pessoas com medo não vão para a frente, mas geralmente para trás.

O sentido da história não está no silêncio, mas na veemência do eco das palavras frontais. Não são as portas fechadas que falam, mas as pontes.

A fala é uma necessidade, disso todos sabemos, mas - coisa menos consciente - ela não é, nem será, estrangeira ao conflito das interpretações e ao esforço que fazemos, não importa onde nem em que época histórica, para impormos a definição do mundo social mais conforme aos nossos interesses.

Se verdade há, é que ela é um campo de luta<sup>2</sup>.

Os que para nós falaram, fizeram-no, o mais das vezes, conscientes de que isso era um risco. Mas fizeram-no, assumiram o risco, especialmente as mulheres. E por isso merecem o nosso mais profundo respeito.

O acto mais difícil, mais doloroso, da vida, consiste em produzir uma definição da realidade<sup>3</sup>. Este trabalho é um percurso nessa definição, profundamente moldado por aqueles que ouvimos e que são, afinal, portadores de uma grande historicidade.

O grande desafio epistemológico desta pesquisa, realizada em 2002, consistiu em pensar o político sem pensar politicamente<sup>4</sup> numa situação de crise social.

<sup>2</sup> Citado em Bourdieu, Pierre, *Interventions, 1961-2001, Science Social & action politique*. Paris: Agone&Nadeau Éditeurs, 2002, p.117.

<sup>3</sup> Dobry, Michel, *Sociologie des crises politiques La dynamique des mobilisations multisectorielles*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1992, p. 194.

<sup>4</sup> Un texte inédite de Pierre Bourdieu, Pour un savoir engagé, in *Le Monde Diplomatique*, février 2002, p.3.

A consciência dos determinismos sociais abre uma janela para uma liberdade mais ampla, janela que é, afinal, uma saída possível para a crise. Não é a privação que suscita a crise, mas a sua consciência, plena e definitiva.

Para usar uma linguagem de ressonância samoriana, a verdade organiza-se, a verdade constrói-se. Esta é uma tentativa nesse percurso.

A pesquisa pertence naturalmente a uma época, mas os resultados obtidos apontam para situações sociais trans-epocais.

Resta, ainda, acrescentar que a estrutura do livro foi prepositadamente construída para se apresentar como um laboratório ao vivo da forma como trabalhámos e usualmente trabalhamos, o que pode ser útil para os estudantes universitários, em particular para os de sociologia.

Finalmente, um duplo obrigado: em primeiro lugar à SNV e, particularmente, a Geraldo Prinsen e a Pedro de Carvalho, pela confiança depositada no Centro de Estudos Africanos para executar este trabalho e por toda a informação fornecida; em segundo lugar, aos colegas da equipa, designadamente Helena Monteiro, Fátima Colete, Paula Libombo, Rogério Batine e Carlos Chefo.

Carlos Serra  
Centro de Estudos Africanos  
Maputo, Novembro de 2002

## Extractos de depoimentos

“Ultimamente nem que a gente faça preces a Deus não existe resposta, eu acho que o Deus que havia lá já mudou, veio outro Deus que não quer responder nada” – um régulo entrevistado em Memba.

“(…) agora o que ficou é só a pesca e até o mar já zangou, não *morre* peixe [no sentido de que rareia]” - uma camponesa entrevistada em Larde.

“(…) porque nessa acção de grande agitação havia todo o tipo de pessoa, Frelimo, Renamo, Pimo, etc., eu que vi pessoas a me tirar a roupa e conheço a elas e os seus partidos não digo que é tal cor (…)” – um régulo entrevistado em Larde.

“Os projectos que aqui entram de qualquer maneira sem uma pesquisa forte do que o povo quer, do que o povo sabe fazer, essa situação dos projectos devia-se estudar outras maneiras de trabalho para ocupar o jovem porque vai surgir uma guerra em Moçambique, uma guerra sem presidente nem chefe porque o jovem sente-se abandonado na sua própria terra e com o seu governo” – um régulo entrevistado em Larde.

## 1. Problema e objectivos

“Não há ciência senão do que está escondido” – Gaston Bachelard

A crença, existente desde 1998, de que o governo está a introduzir a cólera através do cloro com o objectivo de matar o povo de Nampula, tem provocado insegurança social, levantes e confrontos com a polícia, especialmente nas zonas costeiras.

Entre Dezembro de 2001 e Janeiro de 2002, por exemplo, funcionários governamentais e do partido no poder, chefes tradicionais e funcionários de ONGs, especialmente da SNV (Agência Holandesa de Desenvolvimento), foram alvo de ira popular. O saldo foi sombrio: casas queimadas, pessoas seviciadas e agredidas, pelo menos um morto pela polícia, dezenas de detenções e de processos judiciais.

A situação levou a SNV não só a retirar alguns dos seus funcionários das áreas afectadas como a contratar o Centro de Estudos Africanos para estudar e interpretar o fenómeno.

Trabalhámos em áreas de influência do *Programa MAMM* (ainda que em Memba opere, também, o *Programa GEREN*) da SNV<sup>5</sup>, onde existem CDLs (*Comissões de Desenvolvimento Local*)<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Os Programas MAMM (Moma, Angoche, Mongicual e Mogovolas) e GEREN (Gestão de Recursos Naturais) da SNV actuam, respectivamente, na zona costeira e norte da província de Nampula. Apesar de terem abordagens e enfoques diferentes, ambos pretendem fortalecer os processos de boa governação local através da intensificação ou da criação de diálogo e de interacção entre os cidadãos, o governo local e o sector privado. No Programa MAMM os núcleos aglutinadores são a água, a educação e a saúde. No Programa GEREN, o núcleo é a gestão dos recursos naturais, particularmente dos recursos florestais e marítimos (*Extraído de um documento da SNV*).

<sup>6</sup> O grande objectivo das CDLs consiste em ajudar as populações a resolver os problemas que enfrentam. A SNV joga, aí, portanto, o papel de assessora.



Partindo do princípio de que o mito da cólera era o veículo de realidades sociais que importava desnudar, o objectivo central da pesquisa consistiu no conhecimento das opiniões dos cidadãos sobre o Estado no concernente à prestação de serviços essenciais como água, saúde e educação.

O que se segue é produto de um trabalho de três meses efectuado por sete investigadores<sup>7</sup> em 2002, primeiro nos arquivos (Junho/Julho) e, depois, durante o mês de Agosto, nos distritos de Momba (sede e aldeia 7 de Abril), Angoche (sede e bairros Ngúri e Tamole, posto administrativo de Aúbe e bairros de Mirrepe e Mupalacue) e, em Moma, no posto administrativo de Larde (sede e aldeias de Natheré, Maganha e Namichiri).

A pesquisa pertence naturalmente a uma época, mas os resultados obtidos apontam para situações sociais sem época.

## 2. Modelo de análise

O modelo de pesquisa foi especificamente produzido para permitir a inteligibilidade plural de um fenómeno cuja investigação era e continua a ser difícil.

### 2.1. Perguntas de partida

Com base nos objectivos da pesquisa, foram criadas três perguntas de partida, a saber:

1. Quais as raízes sociais do mito da cólera?
2. É ele produto de um conflito entre tradição e modernidade?

<sup>7</sup> Helena Monteiro e Fátima Colete realizaram o trabalho de campo; Rogério Batine, Carlos Chefo e Helena Monteiro tiveram a seu cargo a pesquisa de arquivo; Paula Libombo procedeu ao tratamento estatístico do questionário administrado aos estudantes do EP2; o autor deste livro dirigiu o processo.

3. Existem condições para que se repita na forma de um conflito de baixa intensidade?

### 2.2. Hipótese

A hipótese de pesquisa foi organizada da seguinte maneira:

**A crença de que a cólera é introduzida pelo governo em Nampula através do cloro (fenómeno) é um indicador de insegurança popular (nível 1) ampliada pela tensão política (nível 2).**

### 2.3. Problemática

Foram considerados dois momentos no figurino teórico adoptado para estudar o fenómeno: o da ruptura com concepções vigentes e o da construção de um novo edifício da análise.

#### 2.3.1. Ruptura

Um facto científico é conquistado, construído, verificado<sup>8</sup> contra as ilusões de transparência<sup>9</sup>, o prestes-a-pensar, as teses a-todo-o-terreno que passam por indiscutíveis, enfim, contra a menopausa do senso crítico<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Bachelard, Gaston, citado em Bourdieu, Pierre, Chamboredon, Jean-Claude et Passeron, Jean-Claude, *Le métier du sociologue*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales et Mouton Éditeur, 1984, 4<sup>ème</sup> éd., p. 24.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p.29.

<sup>10</sup> Não se trata aqui, apenas, de impugnar preconceitos de um ponto de vista inocentemente psicológico. Na verdade, pontos de vista, preconceitos, prenoções, ideologias, utopias, etc., estão permanentemente inscritos numa visão social da vida e em posições de grupo e de classe bem definidas. Mas não é este o momento para aprofundar essa questão. Veja, entretanto, Löwy, Michael, *As Aventuras de Karl*

Tornou-se assim fundamental proceder a uma dragagem das falsas evidências e das opiniões parciais.

É neste sentido que este trabalho se constitui como exercício do que, na esteira de Touraine, chamaremos sociologia nocturna, entendendo por isso a interrogação do “mundo imenso da exclusão social”<sup>11</sup>.

### 2.3.1.1. Com a versão oficial

A versão oficial é a de que a Renamo é a autora de “campanhas de desinformação” que levam à crença de que a cólera está a ser intencionalmente introduzida pelo Governo mediante o cloro.<sup>12</sup> Esta tese tem dois problemas fundamentais:

1. Nunca apresenta evidência empírica
2. Recorre ao efeito retroactivo

Na verdade, no início da pesquisa não existiam provas de que a Renamo fosse a autora das “campanhas”, ainda que esse grupo político tenha produzido nos últimos anos diversos tipos e boato<sup>13</sup> e dado origem a diversos tipos de tensão política<sup>14</sup>.

Por outro lado, o passado guerrilheiro e destruidor do grupo ganha um princípio explicativo recorrente: se ontem a Renamo fez as

---

*Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez Editora, 1994, 5.ª edição revista, *passim*.

<sup>11</sup> Touraine, Alain, *Pour la sociologie*. Paris: Seuil/Essais, 1974, p.43.

<sup>12</sup> *Notícias* de 24/10/2001, p.6; \_\_, 12/01/2002, p.4; \_\_, 28/01/2002, p.1; \_\_, 16/02/2002, p.1; \_\_, 22/02/2002, p.1; 13/03/2002, p.4; \_\_, 1/04/2002, p.1; *Mozambique on-line*, <http://www.mol.con.mz/noticias/011226.html>, 26/12/2002; \_\_, *Mozambiquefile* (307), February 2002, p.23; \_\_, (308), March 2002, pp. 15-16.

<sup>13</sup> Neste trabalho mito e boato são empregues como sinónimos de representação simplista e falsa. Todavia, em nenhum dos casos é por nós assumido estarmos perante manifestações de irracionalismo.

<sup>14</sup> Veja Serra, Carlos (dir.), *Eleitorado incapturável*. Maputo: Livraria Universitária, 1999, pp.129, 133; *Notícias* de 22/12/97, p.3. Mas também não havia evidências de que a Renamo se tivesse esforçado para evitar o conflito nas áreas nas quais trabalhámos.

coisas de uma certa maneira, hoje não pode fazer de forma diferente<sup>15</sup>.

Por isso a Renamo aparece aos olhos do partido no poder como uma natureza desestabilizadora imutável<sup>16</sup>.

### 2.3.1.2. Com as teses culturalista, partidária, miserabilista-obscurantista, do torpor e androcêntrica

Na morfologia do mito, existem comprovadamente atributos culturais. Assim, por exemplo, há, aqui e acolá, evidência de preocupação popular com a impossibilidade de submeter os corpos das vítimas da cólera a rituais tradicionais<sup>17</sup>.

Não pode mesmo excluir-se a possibilidade de familiares das vítimas terem enterrado secretamente os corpos subtraindo o seu controlo às autoridades sanitárias<sup>18</sup>.

Na província de Nampula existe uma forte preocupação com a protecção mágica do corpo para evitar a acção dos maus espíritos (os *madjini*<sup>19</sup>), seja em vida, seja após a morte. A água joga aqui um papel vector. Essa a razão por que ao longo da vida as pessoas são sujeitas (quando crianças) ou sujeitam-se (quando adultas) a vários tipos de “banhos” fortificantes e protectores nos quais entram

---

<sup>15</sup> Este tipo de argumento aparece frequentemente na imprensa escrita e nos debates da Assembleia da República. Veja, entretanto, Serra, Carlos, Excelência, diabolização e auto-paternidade nas relações políticas, in Serra, Carlos (dir.), *Estigmatizar e desqualificar, Casos, análises, encontros*. Maputo: Livraria Universitária, 1998, pp. 196-197.

<sup>16</sup> Mas a Renamo procede da mesma forma em relação à Frelimo: esta é sempre vista como um partido marxista-leninista imutável.

<sup>17</sup> *Notícias* de 21/11/1997, p.1.

<sup>18</sup> *Ibid.*, de 22/02/2002, *op.cit.*

<sup>19</sup> Esta acção é suposta poder ser accionada pelos antepassados caso estes se sintam privados de desvelo.